



O MAL NOS PERSONAGENS CLAUDIUS, IAGO, LADY MACBETH E EDMUND

THE EVIL IN THE CHARACTERS CLAUDIUS, IAGO, LADY MACBETH E EDMUND

Valdomiro Polidório¹

RESUMO: O mal existente nas personagens shakespereanas Claudius, Iago, Lady Macbeth e Edmund tem características intensas e profundas. A exploração do “dark side” do ser humano, nessas personagens, percorre o campo da mais pura imaginação do bardo. Para entender o mal existente no ser humano é necessário que se conheça muito bem as características desse ser humano. Nesse sentido é que William Shakespeare mergulha na elaboração minuciosa das personagens objetos da análise deste artigo. Procuraremos descrever o mal em cada personagem na sua individualidade e tentaremos traçar paralelos entre elas.

PALAVRAS-CHAVE: mal, Claudius, Iago, Lady Macbeth, Edmund.

ABSTRACT: The evil that exists in the Shakespearean characters, Iago, Lady Macbeth and Edmund has intense and deep characteristics. The exploration of the “dark side” of the human being in these characters runs through the field of the most pure imagination of the bard. Understanding the evil that exists in the human being it is necessary that we know a lot the characteristics of that human being. Therein that William Shakespeare dives in the detailed composition of the characters analyzed in this article. We will search to describe the evil of each character in his individuality and will try to outline confrontations between them.

KEY WORDS: evil, Claudius, Iago, Lady Macbeth, Edmund.

1. Introdução

O estudo que estamos propondo aqui tentará analisar alguns aspectos do mal existente nas personagens Claudius, Iago, Lady Macbeth e Edmund. A delimitação da análise nessas personagens das quatro grandes tragédias shakespereanas, Hamlet, Othello, Macbeth e King Lear não significa a intenção de tornar o estudo breve. Ao delimitar bem o nosso enfoque analítico, pretendemos um aprofundamento maior na temática proposta. Devido à riqueza de vieses possíveis dos estudos das quatro grandes tragédias supracitadas, desenvolveremos mais estudos no futuro.

Buscaremos aporte teórico para tentar descrever o mal inerente ao ser humano, e que consequentemente compõe a natureza humana. Acreditamos que o grande bardo se preocupava

¹ 1 Professor Mestre de Literaturas de Língua Inglesa da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – polidorio@hotmail.com



em apresentar o homem como ele realmente era e, conseqüentemente, como ele ainda é hoje. Entendemos, dessa maneira, a atemporalidade de suas obras. A atemporalidade, na literatura, é uma das características mais relevantes para que possamos continuar a ler e a estudar as obras dos cânones da literatura universal, como William Shakespeare. Quando pensamos em desenvolver este pequeno estudo, tínhamos a intenção de abordar personagens que foram elaboradas de uma forma genial por Shakespeare. Contudo, queríamos personagens que pudessem nos levar a entender que ler Shakespeare pode não ser tão difícil, entender se torna mais difícil, e o mais importante, entender com maior profundidade depende de um estudo mais demorado de suas obras. Portanto, o recorte que aqui fizemos nos permite dar início a uma análise dessas personagens em seu aspecto mais relevante, “o mal” que os sustenta e os torna eternos e complexos dentro e fora das obras onde estão inseridos. De acordo com KANT (2008, p. 25):

Que o mundo é mau, essa é uma queixa tão antiga quanto a história e até mesmo mais antiga ainda que a poesia[...] [...] contudo, o mundo começa pelo bem, pela idade de ouro, a vida no paraíso ou por uma vida mais feliz ainda, em comum com seres celestiais. Entretanto, fazem logo desaparecer essa felicidade como um sonho; e então ocorre a queda no mal (o mal moral, com o qual o físico sempre andou junto) que o fazem precipitar-se acelerando-a, para o pensar² [...].

Essa queda no mal que se refere Kant aparece nas quatro grandes tragédias shakespearianas. O mal presente nas personagens Claudius, Iago, Lady Macbeth e Edmund é alimentado com o objetivo de conquistar e manter o poder. Segundo NIETZSCHE (2009, p. 214) “[...] na maldade sente-se o poder e a periculosidade, certa terribilidade, sutileza e fortaleza que não permitem que o desprezo se manifeste.”. Poder, sutileza e fortaleza palavras muito bem usadas por Nietzsche que podem ser relacionadas às personagens, razão deste estudo.

2. Algumas considerações sobre o mal em Claudius, Iago, Lady Macbeth, Edmund

Iago, o vilão que gostava de usar as pessoas, e não ser visto como tal. Ele é considerado honesto pelas personagens que o cercam. As outras personagens são marionetes em suas mãos. Isso somente é possível porque Othello é uma personagem com características boas, pelo menos até o desfecho, quando mata Dêsdemona. Segundo Franco e CAMPOS (2010, p. 163) “A força

² Aetas parentum, pejor avis tulit. Nos nequiores, mox daturos Progeniem vitiosarem (Horácio).



de Othello, como guerreiro, contrasta com sua fraqueza e ingenuidade para perceber a maldade humana, bastando que as insinuações de Iago sejam o suficiente para acreditar que sua esposa o traia.”. O poder de convencimento que ele tem ultrapassa as barreiras do que parece certo ou errado. Realidade e aparência estão em constante atuação na peça através de Iago. Nós sabemos que ele é um vilão e que usa seu poder de persuasão de uma maneira sutil e convincente. Talvez seja essa a principal característica da tragédia Othello que nos atrai e nos fascina a cada nova leitura, a cada novo estudo. Iago pode ser denominado o vilão mais fascinante de Shakespeare. Para DEZAN (2001, p. 01) Iago é “um príncipe do mal”. E para POLIDÓRIO (2010, p. 02) “A maldade de Iago pode ser analisada como a essência do mal [...]”. A angústia dos leitores por não poderem avisar as outras personagens de que Iago é um vilão, um mentiroso que somente quer destruí-las é uma das características da tragédia Othello que nos apresenta a genialidade do grande dramaturgo inglês. E se fôssemos nós no lugar de Othello, como reagiríamos? Essa é uma pergunta muito importante para nossa reflexão. Mas o que interessa é o enredar perfeito elaborado por Shakespeare a partir da construção de Iago. Iago não tem escrúpulos. Ele age com frieza. O que importa é o bem dele mesmo. Ele constrói um mundo de mentiras e primeiro acredita nelas para depois poder convencer as outras personagens. Acreditar na traição de Emilia, sua mulher, é uma das molas propulsoras para construir a “traição” de Desdêmona com Cássio. Acreditar que merece a promoção que Othello deu a Cássio, também é uma característica do mundo de Iago. O mundo dele é feito de mentiras que ele mesmo passa a acreditar para poder ter todo o poder de convencimento sobre as outras personagens.

Iago não perde de vista seu objetivo principal que é o de destruir Othello, Cássio e, conseqüentemente, Desdêmona, Rodrigo e qualquer um que acesse o seu caminho. Quando Othello parece chegar próximo da descoberta de sua trama, Shakespeare usa de um incidente trágico para colocar a tragédia em seu eixo novamente, o lenço de Desdêmona. O lenço é a “prova” da traição.

Mas, para que o poder de convencimento de Iago surta efeito, é necessário que as outras personagens sejam suscetíveis às tramas. As outras personagens, principalmente Othello, devem estar envoltas por uma atmosfera propícia para o enredar perfeito de Iago. Othello, por exemplo, tem características em sua personalidade que o tornam vulnerável. Othello se sente inferior a Desdêmona por achar que é somente um guerreiro rude. O problema é que ele fica tão envolvido



pelas mentiras de Iago que esquece que Desdêmona se apaixonou por ele justamente pelos seus atos heróicos. Contudo o veneno que Iago destila nos ouvidos de Othello penetra até a mais extrema profundidade do ser de Othello, e ele não consegue mais raciocinar direito. Vemos em Othello um boneco que é jogado ora para um lado ora para outro.

Iago se alimenta da fraqueza dos tolos a sua volta. Ele não mede esforços para a todo o momento estar atento aos menores deslizes das personagens que o cercam. Segundo HELIODORA (1998, p. 119) “Iago é um personagem interessantíssimo, precipitador das manifestações daquilo que, por conveniência, podemos chamar de a falha trágica de Otelo, o seu ciúme;” [...]. Se em Hamlet, Cláudio coloca veneno no ouvido do rei Hamlet, em Othello as palavras que entram no ouvido da personagem Othello também o envenenam, a diferença é que a morte de Othello é mais lenta, e a tortura é maior, o sofrimento também. Othello é torturado psicologicamente por Iago, e essa tortura acaba somente com a sua morte. Em Hamlet, também existe a tortura psicológica, que acaba com a ação de matar Cláudio. Já em Othello, a ação de matar Desdêmona somente traz mais tortura psicológica, e o único remédio para isso é o tirar a própria vida. Segundo MAQUIAVEL (2003, p. 138):

Vê-se, de fato, que, quanto a atingir os objetivos comuns a todos (a saber, a glória e as riquezas), vários caminhos são seguidos: um emprega a cautela, outro, o ímpeto; outro ainda a violência, a astúcia; a paciência; outro, a impaciência. E todos podem atingir os seus objetivos seguindo caminhos diferentes.

Construir um personagem com Iago significa demonstrar toda a genialidade de Shakespeare, um escritor extremamente talentoso. Sabemos que ele não escrevia literatura no que se refere ao gênero drama, mas sim, peças teatrais. Elas não eram escritas para serem lidas como literatura, mas para serem encenadas. Contudo, depois da publicação de suas peças, em 1623, e depois que o mundo começou a ler suas peças, é que começa a crítica literária de seu trabalho de dramaturgo. O seu mundo vocabular ultrapassava muito o mundo vocabular de outros grandes escritores de sua época. Isso significa dizer que para se escrever com maestria há a necessidade de sabermos usar a linguagem de uma maneira profunda. Isso nos remete ao fato de que a genialidade de suas peças representa isso. Shakespeare apresenta a linguagem no seu uso real e intenso. A todo o momento, temos personagens fazendo uso do poder da palavra com muito domínio, seja para usurpar um trono, para enganar, esconder um crime, ou para fingir loucura.



Como é apaixonante ler os solilóquios de Hamlet, King Lear e Iago! Esses solilóquios nos envolvem com um poder sedutor incrível. É difícil deixarmos de sentir toda a atmosfera gótica em Macbeth quando ouvimos as previsões das três irmãs fatais, ou nos revoltarmos com as falas dos solilóquios diabólicos de Iago. O poder de convencimento de William Shakespeare é algo que nos impressiona. Suas personagens têm vida, e seu mundo é totalmente dominado por ele. Mesmo para um grande escritor, construir um mundo em sua ficção é difícil, e para ter o domínio de seu mundo, é mais difícil ainda. Porém, para o bardo, isso parecia normal, simples, nada além do que um grande escritor deveria fazer.

Assim, Iago compõe um rol de personagens intrigantes, intensos, únicos. Elaborá-lo pode ser comparado a montagem de uma máquina, onde todas as peças são colocadas de uma maneira a garantir o seu bom funcionamento. No caso da tragédia Othello, o bom funcionamento diz respeito a uma sequência lógica de eventos para desencadear um final trágico, típico das tragédias shakespearianas, onde várias das personagens principais morrem. Quando Shakespeare compara o mundo a um palco e todos os seres humanos a atores, ele tem consciência de que isso realmente acontece. Essa comparação é muito pertinente, já que realmente atuamos a todo o momento. Usamos “máscaras sociais” para nos relacionarmos no trabalho, em casa, no clube etc. Isso não significa algo negativo, pois não vivemos sozinhos e precisamos saber lidar com as diferentes situações que nos envolvem a todo o momento. Comparar o mundo a um palco e os seres humanos a atores pode ser considerado uma característica importante na maneira de escrever de Shakespeare, já que isso pode ser relacionado ao seu profundo conhecimento da natureza humana: “Shakespeare foi um profundo conhecedor da natureza humana.” (POLIDÓRIO, 2009, p. 01). E quando falamos que ele era um profundo conhecedor da natureza humana, sabemos que o mal que compõe essa natureza é muito bem caracterizado em Iago. Iago pode ser considerado como a personificação do mal. O mal que temos de dizer que está dentro de todo o ser humano, e que em alguns aflora de maneira mais intensa e assustadora. De acordo com PINHO et al (2010, p. 03) “Hábil e profundo conhecedor da natureza humana, Iago sabia que, de todos os tormentos que afligem a alma, o ciúme é o mais intolerável.”.

Iago é sedutor no sentido mais diabólico possível. Ele é o vilão que não aparenta ser vilão. A aparência e realidade é uma das características principais das quatro grandes tragédias shakespearianas, a saber, Hamlet, Macbeth, Othello e King Lear. Em Hamlet temos a aparência e



realidade caracterizadas pela suposta loucura da personagem Hamlet, o assassinato do rei Hamlet que para as outras personagens durante toda a peça, com exceção de do príncipe Hamlet, não aconteceu, pois todos acreditavam que ele havia morrido enquanto dormia. Em Macbeth, temos a aparência e realidade quando as três irmãs fatais enganam Macbeth com suas previsões sobre a o movimento da floresta em direção ao castelo e o homem não nascido de mulher. Já em King Lear, a temática da aparência e realidade refere-se ao falso amor de Regane e Goneril e a falsidade de Edmund. Poderíamos dizer ainda que no decorrer da tragédia King Lear, o Rei Lear parece ser bom, por ter sido enganado por Goneril e Regane, mas é o seu orgulho excessivo que o deixa cego, sem ver que o amor verdadeiro é o de Cordélia. Gostaríamos aqui de fomentar mais uma possível análise do comportamento de Lear, o fato de que ele, de certa maneira exigir que suas filhas declarem seu amor, poderia ser visto como um ato de tirania, de imposição da figura totalitária do soberano, porém isso fica para uma análise futura. Lady Macbeth deseja ser má. É ela que, no início da tragédia, impulsiona Macbeth para cometer o regicídio, e ainda o ajuda. Na peça, chamam-na de “diabólica rainha”. A falsidade e a sutileza de Claudius representam todo o poder da maldade existente nele. Ele tem um único momento de sentimento de culpa, e isso pode ser relacionado à insanidade de Lady Macbeth no final da peça. O sangue imaginário em suas mãos simboliza sentimento de culpa que a atormenta. Edmund, por sua vez, tem atitudes falsas ao enganar Edgar e Gloucester. Ele sempre age de acordo com os próprios interesses, não importando o preço que as outras personagens tenham que pagar. Edmund: [...] “Eu seria o que sou, mesmo que a estrela mais virginal do firmamento tivesse iluminado minha bastardia.” [...] (Ato I, Cena II). Isso significa que não importa os infortúnios que possa significar ser um bastardo, ele, Edmund, é mal porque é assim, porque gosta de ser assim. Podemos comparar esse excerto ao momento em que Iago fala sobre Rodrigo e como ele se aproveita do amor que este sente por Desdêmona, ou seja, Iago também tira proveito das outras personagens, com toda a sua falsidade, característica típica do mal que ele significa. Iago: “Aí está como sempre faço de um imbecil minha bolsa. Porque seria profanar o tesouro de minha experiência, se tivesse que perder meu tempo com um idiota igual a este, a não ser para meu proveito e divertimento.” [...] (Ato I, Cena II). O mal aparece como sempre o conhecemos, ou seja, a pessoa que usa de atitudes malignas, fá-lo por um egoísmo extremo. Segundo RAMOS (2008, p. 02)

Tendo em vista que a concepção clássica de bem e mal possui valores diferentes do universo cristão, pode-se definir Macbeth como uma figura má,



ou seja, que é favorável à morte. Juntamente com Lady Macbeth são representantes da maldade, já que não é levado em conta por ambos qualquer bem comum, apenas a realização de seus desejos egocêntricos.

Esse egoísmo, característico da maldade de Lady Macbeth, exclui até seu marido, Macbeth. Isso fica claro com o suicídio dela, tirando a própria vida, é como se ela confirmasse seu egocentrismo.

Considerações finais

Analisar as personagens das quatro grandes tragédias de William Shakespeare é uma tarefa que demanda muito tempo de estudos. Tentamos, aqui, apenas dar umas pinceladas em algumas características que compõem as personagens selecionadas para análise. Percebemos que quanto mais estudamos as obras do grande bardo, somos também estudados por ele. Shakespeare nos apresenta a nós mesmos sempre que lemos suas obras, e quando lemos suas tragédias, o lado mal do ser humano nos é apresentado. Mencionar, então, a natureza humana é sempre relevante, pois se admitimos que a essência precede a existência, a essência traz elementos que vão existir em todos os seres humanos. Essa análise permite que nos conheçamos como seres humanos, cientes da nossa natureza, da humanidade que há em nós e em que isso implica. William Shakespeare coloca o homem no centro do palco, o homem é o responsável pelo seu destino. Ao fazer isso, ele não deixa de apresentar “the dark side” deste homem, e quando o faz, é com uma riqueza de detalhes que nos impressiona a cada leitura. A literatura que nos apresenta mais possibilidades de análise é a de cunho negativo, e também nisso Shakespeare foi mestre. O efeito catártico do contato com suas grandes tragédias é enorme. Ao ler as falas de Iago, é comum pensar que já ouvi algo semelhante em alguma outra obra, e isso também ocorre quando leio as falas de Claudius, Lady Macbeth e Edmund. Os vilões analisados neste artigo são antigos e atuais, e nunca deixarão de existir, pois o bem e o mal sempre existirão enquanto existir o homem. Shakespeare necessitou do bem para escrever suas grandes tragédias, mas sem o mal elas não existiriam. Podemos estudar na filosofia a definição do mal, mas William Shakespeare pode ser considerado um grande filósofo por abordar temáticas que nos fazem refletir sobre a vida. O mal, por exemplo, é muito bem abordado por ele, pois seus personagens são retratos dos seres humanos. O mal presente nas personagens é algo que nos afronta, nos agride, nos incomoda, justamente por ser inerente a cada ser humano, podendo, assim, aflorar em nós também, ainda que em níveis



diferentes. Fica evidente, nas quatro grandes tragédias de William Shakespeare, que o bem necessita do mal para existir. A inversão também acontece, pois o mal também precisa do bem para existir. Percebe-se isso, claramente, ao analisarmos a personagem Iago e o “bom” uso que ele faz da bondade das outras personagens que o consideram “honesto”. Assim, as quatro grandes tragédias de William Shakespeare apresentam, de uma maneira intensa e profunda, o mal em sua essência. A tragédia da vida é muito bem representada nas tragédias shakespearianas. Literatura e realidade se entrelaçam para que nós, meros seres humanos que não temos o dom da escrita, como teve o maior escritor de todos os tempos, possamos, ao mesmo tempo que temos entretenimento, nos analisar. Ao refletirmos por esse viés, consideramos que nossas políticas de formação de leitores devem estar também voltadas para um aprofundamento maior no que se refere à obra literária, não simplesmente como a representação de um período literário com todo o seu valor estético, cultural e histórico, mas também na exploração de suas características atemporais e verossímeis. Como características principais do mal existente nas personagens, destacamos o egoísmo. O interesse próprio, no seu extremo, significa dizer que as personagens fazem tudo para conseguir o que desejam. Abordar a questão eterna da luta entre o bem e o mal, pode até parecer senso comum, contudo, isso é essencial para que possamos estudar com maior profundidade as possíveis razões que levaram as personagens a desenvolverem o seu “dark side”. Não há como ignorar a genialidade de William Shakespeare ao elaborar suas personagens que se destacam por sua maldade profunda. Era de depressão do bardo? Isso pode explicar o período de composição das quatro grandes tragédias? Podemos dizer que sim. Mas, mais importante do que tentar explicar o porquê da excelente fase de Shakespeare, é se aprofundar em suas obras, é o privilégio de lê-las. O público da época foi apresentado por personagens que despertavam reações de profundo efeito catártico. Shakespeare foi magistral ao oferecer personagens eternas, tanto, que já se vão quatro séculos de leitura e estudo na tentativa de entender essas personagens. Um estudo breve como este não nos permite um aprofundamento maior. As muitas possibilidades analíticas nessa vertente devem ser consideradas em próximos estudos. Tentamos apenas contribuir com algumas reflexões sobre as obras aqui abordadas. O estudo das quatro grandes tragédias de William Shakespeare deve ser desenvolvido considerando vários aspectos. Na análise do mal, apresentamos uma característica da natureza humana que Shakespeare conhecia muito bem, o mal. Em sua época, as atitudes por interesse próprio eram elementos que



habitavam as personagens poderosas. Esperamos, com este breve estudo, contribuir para pesquisas futuras, pois William Shakespeare nos presenteou com obras riquíssimas, que apresentam muitas mais e maiores análises e reflexões, obras que sempre vão nos investigar através de suas personagens intrigantes, intensas, bem elaboradas, infinitamente humanas em suas ações e reflexões.

Referências

DEZAN, Edmilson. **Otelo, de Shakespeare: um casal quase perfeito com uma ameaça satânica e maquiavélica ao lado.** UNILETRAS 23, dezembro 2001.

FRANCO, Barbosa Ângela e CAMPOS, Maria Cristina Pimentel. **A contemporaneidade do comportamento humano em Othello: um olhar ético e jurídico.** V Congresso de Letras: Discursos e Identidade Cultural.

HELIODORA, Barbara. **Falando de Shakespeare.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

http://www.mundocultural.com.br/analise/otelo_shake.pdf (página consultada em 26/10/2010).

KANT, Immanuel. **A religião nos limites da simples razão.** São Paulo: Editora Escala, 2008.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe.** São Paulo: Martin Claret, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal.** Porto Alegre, RS: E&PM, 2009.

POLIDÓRIO, Valdomiro. **A representação da natureza humana em Hamlet de William Shakespeare.** Revista Travessias, Vol. 03, No. 02. Cascavel – PR.: Edunioeste, 2009.

POLIDÓRIO, Valdomiro. **Os motivos que impulsionaram Iago.** Revista Travessias, Vol. 04, No. 02. Cascavel – PR.: Edunioeste, 2010.

RAMOS, Ferreira Edilene. **A representação do mal em Macbeth.** Crátulo: Revista de Estudos Lingüísticos e Literários. Patos de Minas: UNIPAM, (1): 20-31, ano (1), 2008.

SHAKESPEARE, William. **O Rei Lear.** [Tradução de Millôr Fernandes]. Porto Alegre: L&PM, 2008.